

OS IMBECIS

E OUTROS TEXTOS CLÁSSICOS DE ESCRITORAS RUSSAS

ORGANIZAÇÃO E INTRODUÇÃO DE
LARISSA SHOTROPA

TRADUZIDO DO RUSSO POR
ESTHER LIEBERMANN PAIVA DE ANDRADE, INÊS BRAZ,
JOÃO DUARTE CUNHA, M. DAS NEVES GOMES,
GABRIEL HENRIQUES, JOÃO MARIA LOURENÇO,
CÉSAR DE SOUSA MENDES, CATARINA NEVES,
ARIANA NUNES PARAÍSO, JOÃO PATERNO,
LEONOR RAMALHO, SILVIA STEINER E ANA VIEIRA

Índice

<i>Nota dos editores</i>	11
<i>Introdução</i>	
<i>Contrariando o esquecimento</i>	
<i>Larissa Shotropa</i>	13

OS IMBECIS E OUTROS TEXTOS CLÁSSICOS DE ESCRITORAS RUSSAS

Nadejda Teffi	
<i>O cão</i>	31
Marina Tsvetaeva	
<i>Vivo, e não morto</i>	55
Maria Shkapskaia	
<i>Rússia</i>	61
Maria Shkapskaia	
<i>Realidade</i>	69
Maria Shkapskaia	
<i>Casal após casal – marido e mulher</i>	83

Nadejda Teffi	
<i>Mulher demoníaca</i>	93
Nadejda Teffi	
<i>Os «nossos» e os «estranhos»: uma história</i>	97
Nadejda Teffi	
<i>Os imbecis</i>	101
Nadejda Teffi	
<i>Anteu</i>	107
Nadejda Teffi	
<i>O adivinho do passado</i>	113
Nadejda Teffi	
<i>O tesouro do mundo</i>	117
Lidia Charskaia	
<i>Popovna</i>	123
Lidia Charskaia	
<i>Uma situação desagradável</i>	141
Nadejda Teffi	
<i>Patriota</i>	157
Nadejda Teffi	
<i>Dacha</i>	161
Lidia Zinovieva-Annibal	
<i>Trinta e três monstros</i>	167
Lidia Zinovieva-Annibal	
<i>Ajudem-me!</i>	197
Anna Zontag	
<i>Viagem à Lua</i>	205

ÍNDICE

Zinaida Guippius	
13 – «Treze, um número sombrio...»	219
Zinaida Guippius	
<i>Pensamentos nus</i>	225
Zinaida Guippius	
<i>Electricidade</i>	229
Zinaida Guippius	
<i>Ao Cristo</i>	233
Zinaida Guippius	
<i>Amor – há um só</i>	237
Sofia Kovalevskaia	
<i>O nilista</i>	241
Sofia Kovalevskaia	
<i>Vae victis</i>	273
Nadejda Khvoshchinskaia	
<i>Depois do dilúvio</i>	285
Anna Kirpishchikova	
<i>Antip Grigorich Merejin</i>	305
Vera Aksakova	
<i>Os últimos dias da vida de Nikolai Vassilievich Gogol</i>	323
Nadejda Durova	
<i>A fonte sulfurosa</i>	331
Anna Bunina	
<i>Uma conversa entre mim e as mulheres</i>	361

NOTAS BIOGRÁFICAS

Vera Aksakova (1819-1864).	373
Anna Bunina (1774-1829)	375
Lidia Charskaia (1875-1937)	377
Nadejda Durova (1783-1866)	381
Zinaida Guippius (1869-1945).	385
Nadejda Khvoshchinskaia (1821-1889)	389
Anna Kirpishchikova (1838-1927)	393
Sofia Kovalevskaia (1850-1891).	395
Maria Shkapskaia (1891-1952).	399
Nadejda Teffi (1872-1952)	403
Marina Tsvetaeva (1891-1941).	407
Lidia Zinovieva-Anniball (1866-1907)	411
Anna Zontag (1785-1864)	415

Nadejda Teffi

O CÃO(*)

(Conto de uma desconhecida)

— Lembra-se da morte trágica do Edvers? Do aventureiro Edvers? Bom, enfim, toda essa história aconteceu diante dos meus olhos e até participei nela de forma indirecta.

Já por si só a morte foi, por assim dizer, completamente fora do comum, mas as circunstâncias em que se desenrolou esta terrível aventura foram ainda mais surpreendentes. Na altura, não contei nada a ninguém, o único a saber foi o meu actual marido. Pois nem sequer me atrevia a falar no assunto. «Parece o delírio de um louco...», pensar-se-ia e, porventura, suspeitar-se-ia de algo criminoso da minha parte, o que me iria arrastar para todo este horror; mas acontece que nem sei como ainda estou viva. Não é fácil sobreviver a um abalo destes.

Tudo o que se passou pertence agora ao passado e há muito que deixou de me inquietar, mas, como se pode imaginar, à medida que esse passado se vai afastando de mim, mais clara e legivelmente, mais directa e absolutamente inverosímil se torna a linha dos acontecimentos, o cerne de toda a história.

Quanto a ter sido inventada, se achar por bem, poderá comprovar por si. Já é sabido como morreu Edvers, mas, caso não acredite, Zina⁽¹⁾ Bolotova – cujo nome de solteira era Katkova e que está viva e de boa saúde –, ou até o meu marido, poderão confirmar os factos.

(*) Tradução de Silvia Steiner. (N. E.)

(1) Forma abreviada do nome Zinaida. (N. T.)

Por mim, estou convencida de que há muito mais histórias extraordinárias à face da Terra do que seria imaginável. Basta apenas saber ver, conseguir acompanhar o verdadeiro fio dos acontecimentos, sem que a consciência repare demasiado naquilo que parece inacreditável, sem adular os factos e sem lhes impor as nossas explicações.

As pessoas tendem amiúde a ver algo de incrível nas coisas insignificantes ou, então, naquilo que é habitual e simples; gostam de entrelaçar alguns dos seus pressentimentos ou sonhos que vão interpretando, de uma maneira ou de outra, em função das circunstâncias. Outros, por sua vez, mais sóbrios, são exactamente o oposto, lidam de forma muito céptica com tudo aquilo que é invulgar, analisando e explicando as histórias que estão fora da sua compreensão.

Não pertenço nem aos primeiros, nem aos segundos, não tenciono explicar nada, mas apenas contar com verdade tudo aquilo que se passou, começando mesmo pelo princípio ou, pelo menos, por aquilo que considero ser o princípio.

Parece-me então que tudo terá começado naquele fabuloso e longínquo Verão, quando eu tinha apenas 15 anos.

Se agora sou sossegadinha e tristonha, naquela altura, durante os primeiros anos da minha juventude, era terrivelmente vivaça, a raiar a agressividade. Algumas raparigas são mesmo assim. O atrevimento corre-lhes nas veias. E nem se pode dizer que fosse mimada, pois na realidade não tinha ninguém que me pudesse mimar. Nessa época, eu era uma pobre órfã e a tia que cuidava de mim uma verdadeira trouxa, que Deus a tenha em descanso: nem sabia dar mimos, nem chegava a ser severa. Era molenga, tipo gelatina. Só agora percebo que eu lhe era profundamente indiferente. Porém, da minha parte, sentia o mesmo em relação a ela.

Nesse Verão em que começa o meu relato, ficámos hospedadas, com essa tia, na região de Smolensk, na propriedade dos nossos vizinhos, os Katkov.

A família Katkov era grande e simpática. A minha amiga Zina Katkova tinha uma enorme afeição por mim, simplesmente adorava-me. Todos os membros da família se davam muito bem comigo. Eu era uma rapariga encantadora. Era bondosa, alegre, bem-disposta. Sentia-me carregada de uma enorme alegria de viver, que parecia que iria durar para toda a vida e ainda sobrar. Mas, infelizmente, não durou.

Na altura, tinha muita confiança em mim mesma. Achava-me inteligente e bonita. Namoriscava com todos, até com o velho cozinheiro. Ficava sem fôlego com tanta plenitude de vida. A família Katkov, como já referi, era mesmo grande e, se incluirmos os hóspedes que se juntavam no Verão, contavam-se cerca de 20 pessoas à volta da mesa de jantar.

Depois do jantar, íamos passear pelo outeiro, um lugar poético e de grande beleza. De lá, contemplava-se uma bonita vista sobre o rio e o velho moinho, praticamente em ruínas. O lugar era escuro, envolto em mistério, sobretudo ao luar, quando tudo em redor reluzia como prata, e apenas os arbustos que rodeavam o moinho e a água sob a roda eram negros como tinta, lúgubres e silenciosos.

De dia, nunca íamos ao moinho, era-nos proibido, porque o açude estava velho e, mesmo sem cair, era bastante fácil torcer um pé. As crianças da aldeia corriam até ao moinho em busca de framboesas. Os arbustos cresciam frondosos, mas as bagas eram silvestres e ralas, como na floresta.

Junto do velho moinho, passávamos as tardes a divertir-nos, sentados no outeiro, e entoávamos em coro: «Canta, andorinha, canta!»⁽²⁾.

É claro que no passeio só iam os mais novos, éramos seis: a minha amiga Zina, dois dos seus irmãos – um deles mais velho do que ela dois anos, Kolia⁽³⁾, e o outro, Volodia⁽⁴⁾ –, o meu actual marido, que na altura já era adulto, estudante, tinha cerca de 23 anos, e Vânia⁽⁵⁾ Lebedev, colega no instituto, um jovem extremamente interessante, inteligente, divertido, sempre a inventar algo que tivesse graça. A mim, é claro, parecia-me que ele estava loucamente apaixonado por mim e a esconder os seus sentimentos. Infelizmente, acabou por ser morto na guerra, coitado do rapaz. No nosso grupo havia também outro jovem,

(2) A letra da famosa valsa italiana *Vieni sul mar* («Vem para o mar») foi escrita por um autor desconhecido há cerca de 300 anos. O texto original trata do mar e do amor de um marinheiro. A música tornou-se um «sucesso» internacional depois de ser apresentada num dos festivais de música realizados em Nápoles na década de 90 do século XIX. Na Rússia, esta canção «estrangeira» transformou-se em «Andorinha», tendo-se inventado o refrão «Canta, andorinha, canta». (N. T.)

(3) Forma abreviada do nome Nikolai. (N. T.)

(4) Forma abreviada do nome Vladimir. (N. T.)

(5) Forma abreviada do nome Ivan. (N. T.)

aluno do colégio, com cerca de 16 anos, filho do administrador, o ruivo Tolia⁽⁶⁾. O rapaz era muito querido e até tinha boa aparência, era alto e bem constituído, mas extremamente tímido. Agora, quando tento lembrar-me dele, vejo-o sempre como que escondido atrás das costas de um de nós. Se alguém reparava nele, desatava a rir meio envergonhado e voltava a esconder-se. Era assim o rapaz, o ruivo Tolia – aqui não havia a menor dúvida –, completamente louco por mim, com admiração e sem esperança, tão sem esperança de que, mesmo que todos soubessem da sua paixão, perdíamos a vontade de fazer troça dele, nunca ninguém o mencionava.

Numa daquelas manhãs, eu e o Tolia fomos à floresta, apanhámos bagas, eram tão poucas que não valia a pena levá-las até casa, por isso, acabámos por decidir que seria melhor eu própria comê-las. Sentámo-nos então debaixo de um pinheiro, eu a comer as bagas, e Tolia a olhar para mim. Fiquei com vontade de rir.

— Tolia — disse-lhe —, olhas para mim como um cão para o moleiro.

E ele respondeu-me tristemente:

— Eu bem queria transformar-me num cão... Afinal, nunca serás a minha mulher?...

— É claro que não — respondi-lhe.

— Bom, como ser humano, não irei conseguir estar sempre ao teu lado. Mas como cão, ninguém me poderá impedir.

Então, lembrei-me de lhe dizer:

— Tolia, meu querido, sabes o que era melhor? Ires passar a noite no moinho. Suplico-te, vai. Transformas-te em cão e ficas comigo para sempre. Ou será que tens medo?

Empalideceu muito, e até estranhei, pois tudo não passava de uma brincadeira e nunca imaginei que ele, e ainda menos eu, fôssemos acreditar nesta história do cão. Mas, por alguma razão, ele ficou pálido e respondeu num tom bastante sério:

— Sim, vou. Logo à noite, vou até ao moinho.

O dia decorreu com toda a normalidade, e depois do meu passeio matinal nunca mais vi o Tolia. Na verdade, nunca mais pensei nele.

(6) Forma abreviada do nome Anatoli. (N. T.)

Lembro-me de terem chegado alguns hóspedes de uma propriedade vizinha, que aparentavam ser recém-casados. Havia algazarra e boa disposição, estavam lá muitas pessoas. Somente à noitinha, quando lá ficaram apenas os anfitriões e os mais novos, como era hábito, foram dar um passeio, lembrei-me de Tolia. Lembrei-me talvez por ter visto o moinho; foi então que se ouviu uma voz a afirmar:

— Está hoje muito lúgubre, todo negro.

— Isso é porque sabemos bem que género de coisas acontecem lá — respondeu Vânia Lebedev.

Os meus olhos começaram logo a procurar Tolia e, ao virar-me, vi a sua silhueta, um pouco afastada do grupo. Estava sentado em silêncio com ar pensativo.

Lembrei-me da sua decisão e fiquei bastante inquieta. Nesse mesmo instante, desgastada por tanta inquietação, apeteceu-me fazer pouco dele.

— Oiçam, meus senhores — disse alegremente e em voz alta —, hoje o Tolia decidiu fazer uma experiência. Vai transformar-se em cão e passar a noite no moinho.

Ninguém prestou grande atenção às minhas palavras, talvez por terem achado que era uma brincadeira. O único a falar foi Vânia Lebedev, que disse:

— Bom, isso faz sentido. Apenas peço, meu caro Anatoli, que se transforme num cão de caça, bem mais decoroso do que um simples rafeiro.

Tolia não respondeu e nem sequer se mexeu. No caminho de regresso a casa, deixei-me ficar propositadamente para trás, para que ele viesse ter comigo.

— Pois bem, Lialechka⁽⁷⁾ — disse ele —, eu irei. Vou até ao moinho.

Com uma expressão algo enigmática, murmurei:

— Vai, vai sem falta. Mas caso não te atrevas a transformar-te em cão, não apareças diante dos meus olhos.

— Transformo-me sem falta — respondeu Tolia.

⁽⁷⁾ Diminutivo do nome Lialia. Por sua vez, Lialia pode ser o diminutivo de alguns nomes femininos: Olga, Larissa, Lilia, Liudmila, entre outros. (N. T.)

— E eu esperarei por ti toda a noite. Mal te transformes, corre logo para casa e vem arranhar com as tuas garras as minhas portadas. Eu abro a janela e tu saltas para o meu quarto. Percebeste?

— Percebi.

— Bom, então, agora vai.

Fui-me deitar na cama e fiquei à espera. E imaginem só que não consegui pregar olho toda a noite. Vá-se lá saber porquê, estava muito preocupada.

Era uma noite sem lua, porém, estrelada. Reluziam as estrelas. Aterrorizada, levantava-me, abria um bocadinho a janela, olhava em volta toda arrepiada. Até tinha medo de abrir as portadas, pelo que olhava por uma fresta.

«O parvo do Tolia» – pensei –, «para que foi ele para lá? Está agora sozinho no moinho abandonado».

Adormeci finalmente, já de madrugada. Meio ensonada, ouvi então alguém a arranhar, a raspar atrás da janela.

Dei um pulo, pus-me à escuta. Isso mesmo. Ouvi arranhar as portadas. Fiquei com um medo de cortar a respiração. Pensava que ainda era noite escura.

Contudo, recompus-me, corri até à janela e escancarei as portadas: o que se passa? O dia! O sol! E lá está Tolia, debaixo da janela, a rir, com um ar mesmo muito pálido. Agarrei-o pelos ombros, a pular de alegria, abracei-o pelo pescoço e falei bem alto:

— Como te atreveste, seu patife, a não te transformares em cão?

Ele beijou-me as mãos todo feliz por eu o ter abraçado.

— Lialechka — disse —, será que não me vês? Parece que não sabes ver! Eu, Lialechka, sou um cão, o teu companheiro fiel para todo o sempre, nunca te vou abandonar. E como é que não vês isso? Será que foste enfeitiçada por alguma força do mal que não te deixa ver?

Peguei então num pente que estava na mesa, beijei-o e atirei-o pela janela.

— Busca!

Ele precipitou-se, encontrou o pente na relva e trouxe-o por entre os dentes. Vinha a rir e esboçava um tal olhar que, por pouco, não desatei a chorar.

— Bom, agora sim, acredito.



Já se aproximava o Outono.

Ao fim de três ou quatro dias, eu e a tia fomos até à propriedade dela para preparar a viagem a Petersburgo.

Antes da partida, fiquei bastante surpreendida com Volodia Katkov, que encontrou algures uma máquina fotográfica e passou os dias a tirar-me fotografias.

Tolia mantinha-se afastado, praticamente nem o vi. Acabou por se ir embora antes de mim. Foi para Smolensk, que era onde estudava.

Passaram dois anos.

Em todo esse tempo apenas vi Tolia uma vez. Veio a Petersburgo passar uns dias e ficou alojado na casa dos Katkov.

Pouco tinha mudado. Conservava o mesmo rosto bonito de criança e os olhos cinzentos.

— Bom dia, cão! Dá a pata!

Ficou muito envergonhado e riu-se sem saber o que havia de dizer.

Foi durante esses dias que recebi bilhetes da Zina Katkova: «Vem sem falta ao final da tarde. O cão não pára de ganir.» Ou: «Vem depressa. O cão está a definhar. É pecado torturar os animais.»

Apesar de todos se rirem um bocadinho dele, Tolia mantinha-se calmo, não tentou conversar comigo e, como de costume, escondia-se atrás das costas de alguém.

Lembro-me só de uma vez em que, na hora do chá, Zina procurou convencer-me a entrar no conservatório por eu ter uma bela voz, e Tolia ficou todo corado.

— Ah, eu bem sabia que pisarias palcos! Isso é mesmo extraordinário!

É claro que também ficou muito envergonhado. Ficou em Petersburgo apenas alguns dias e quando se foi embora vieram entregar-me, da loja Eilerc, um grande ramo de rosas. Demos voltas à cabeça para tentar descobrir de quem poderia vir, e só na manhã seguinte, enquanto mudava a água das flores, reparei que estava preso ao ramo, por um fiozinho de ouro, um cãozinho de cornalina. As flores vinham de Tolia!

Não contei a ninguém. De certo modo, fiquei com muita pena dele. Também o cãozinho me dava pena, com aqueles olhinhos a brilhar. Parecia estar a chorar.

E onde terá o pobre ido buscar dinheiro para comprar um ramo tão caro? Seguramente foi alguém lá em casa que lho havia dado para ir ao teatro ou às compras.

Essas flores, apesar de toda a sua opulência, espoletaram uma tristeza doentia e ternurenta que se abateu sobre mim, e que nada tinha que ver com a ingenuidade transmitida pelo rosto redondo e infantil de Tolia.

Fiquei de certo modo contente quando as flores murcharam e a tia as deitou fora, pois eu própria não tive coragem de o fazer. Enfiei o cãozinho na cómoda, com a ideia de me esquecer dele. E esqueci-me mesmo.



Entreí então numa fase confusa da vida. Tudo começou no conservatório, que acabou por ser uma grande desilusão. O professor louvou muito a minha voz, mas exigia trabalho. Acontece, porém, que eu não tinha feitio para trabalhar. Estava habituada a não fazer nada, bastava-me ser alvo de admiração. Piava uma pequena canção e todos: «Olhem, que talento!» Não conseguia pôr-me a trabalhar com método. A opinião comum sobre o meu talento pecava por exagero. No conservatório, não sobressaía dos outros alunos. Apenas me destacava por nunca preparar as aulas como seria de esperar. Esta desilusão, é claro, deixou marcas no meu carácter. Comecei a ficar irritadiça, nervosa. Procurava consolo na tagarelice, na azáfama e nos *flirts*. Estava com um humor execrável.

De Tolia recebi apenas uma vez uma breve carta de Moscovo, para aonde tinha ido prosseguir os estudos.

«Lialechka» – escreveu –, «lembre-se de que tem um cão, e caso venha a necessitar, poderá sempre chamá-lo». Não pôs a sua morada, pelo que não lhe respondi. Começou a guerra⁽⁸⁾.

Os nossos rapazes deram todos em patriotas e foram combater. Ouvi dizer que Tolia também partiu, mas acabei por não dar muita atenção ao sucedido. Zina alistou-se nas irmãs da misericórdia e eu continuei com a minha vida agitada.

⁽⁸⁾ Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

O meu trabalho no conservatório ia de mal a pior. Além disso, juntei-me a um grupo de jovens boémios que andavam na rambóia. Poetas em início de carreira, pintores sem fama, serões dedicados a temas eróticos, noitadas no «Brodiachaia Sobaka»⁽⁹⁾.

Era um local incrível, esse «Sobaka». Atraía personagens deveras estranhas; atraía-as e era como se as sugasse.

Nunca me esqueço de uma frequentadora habitual, filha de um jornalista famoso, casada e mãe de dois filhos.

Por casualidade, alguém a levou a esse antro subterrâneo, e pode-se dizer que ela por lá se deixou ficar. Uma mulher jovem e bonita, de grandes olhos negros arregalados pelo espanto, que aparecia todas as noites e ficava até de madrugada a respirar os vapores do álcool e a ouvir os uivos declamatórios de jovens poetas, de cujos versos, porventura, não percebia patavina. Sempre em silêncio, parecia assustada. Dizia-se que o marido se tinha ido embora, levando consigo os filhos.

A certa altura, reparei que havia ao lado dela um jovem, com aspecto bastante doente, vestido com requinte e de modos amaneirados, do género «Wilde»⁽¹⁰⁾.

O jovem estava sentado ao seu lado com um ar indiferente, e ora escrevia, ora desenhava com o lápis numa folha de papel à frente dos olhos dela. Essas palavras ou rabiscos, ao que parece, deixavam-na preocupada. Ela corava, olhava em volta com algum medo, não fosse o seu autor lê-los em voz alta, arrancava-lhe o lápis e depressa apagava o que estava escrito. Depois, voltava a esperar com alguma apreensão, enquanto ele escrevia vagarosamente, corava de novo e arrancava-lhe o lápis da mão.

Havia nele, nesse jovem degenerado, algo inquietantemente repugnante, pelo que pensei: «Haverá à face da Terra alguma idiota que o deixe aproximar-se, que confie nele ou que se relacione com um tal canalha rastejante?».

Ao fim de duas semanas, essa idiota viria a ser eu. Não queria deter-me muito mais nessa fase horrível da minha vida...

⁽⁹⁾ Em russo: «cão vadio»; café *cabaret* que funcionou em São Petersburgo entre 1912 e 1915 e que concentrava a vida literária e artística boémia da cidade – foi restaurado e reaberto ao público em 2001. (N. T.)

⁽¹⁰⁾ Referência a Oscar Wilde (1854-1900). (N. T.)